

MARCAS DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA : A OFICINA COMO FERRAMENTA EDUCATIVA NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA DE HISTÓRIA .

Olivia Maria Paulino Belmino de Souza ¹
Thais de Oliveira e Silva ²
Patrícia Cristina de Aragão ³

INTRODUÇÃO :

O Ensino Básico brasileiro que abrange principalmente o ensino fundamental II do 6^a ao 9^a ano e os três anos finais do ensino médio vem passando por várias mudanças nos âmbitos sistemáticos, outras configurações podem ser vistas como : o novo ensino médio, a escola cidadã integral, a reconfigurações de escolas militares proposta do atual governo federal para o próximo ano de 2020. Nesse sentido, as mudanças voltam olhar para seus próprios objetivos, pois não levam em consideração as situações e adequações dos professores/alunos. A educação básica vem sendo auxiliada e tendo a parceria das universidades e dos graduandos em formação por meio de programas federais institucionalizados pela CAPES. Mediante, as mudanças conjunturais espera-se as permanências destes programas.

Cabe citar a relevância de programas como a Residência Pedagógica, PIBID E PIBIC, sendo os dois primeiros direcionados para a ação docente e o último para pesquisa. A abordagem a ser feita nessa discussão terá enfoque nas experiências a partir da Residência pedagógica em História . De modo a ser observado a interdisciplinaridade que a mesma pode proporcionar ao ensino e também a aprendizagem, principais intuítos a serem esperados na educação, caminham juntos e precisam de suporte para sua efetivação de forma qualificada.

Não obstante, a residência pedagógica dar suporte diretamente as escolas e aos docentes, visto que, insere os graduandos a partir do 5^a período, pois subtende-se que nesse momento o mesmo já possui experiências prévias por já ter cursado os dois estágios da grade curricular e também pela maturidade que vai adquirindo com os estudos. Uma vez passado o processo seletivo e selecionados, os residentes são designados para respectiva escola da qual

¹ Graduanda do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba - PB, oliviasouzarmg@gmail.com ;

² Graduada e mestre pelo Curso História da Universidade Estadual da Paraíba - PB, thaisblos@gmail.com ;

³ Professora Doutora do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba - PB, patriciacaa@yahoo.com ;

realizarão seus trabalhos e depois disso passam a atuar na regência de aulas e assumir uma turma, se diferenciando do estágio pois irão ter a responsabilidade direta sobre a turma assumida, tendo que ministrar todas as aulas semanais da classe, elaborar as atividades de verificação da aprendizagem e atribuir as notas. O papel do professor da turma anterior ao residente será de preceptor, pois irá auxiliar, apoiar e ajudar nos planejamentos e direcionamentos do residente.

O intuito desse trabalho é mostrar resultados e melhorias no ensino e no perfil do alunado através das atividades pedagógicas realizadas por meio da residência pedagógica. A especificidade a ser retratada gira em torno da turma de 9^a ano do ensino fundamental, da escola EEEFM. Monsenhor José Borges em Alagoa Nova –PB. Com isso, intermediar um diálogo teórico com a relação prática para pensar as marcas benéficas que o programa acarreta.

METODOLOGIA :

A metodologia teve como base minha experiência por meio da realização de uma oficina pedagógica com a turma do 9^a ano A. A sua realização teve impulso da escola por meio de projetos da semana pedagógica, da qual os professores deveriam realizar oficinas de temáticas da disciplina, como também interdisciplinares, de atualidades ou direitos humanos.

A escolha temática da oficina partiu do princípio de um questionário aplicado com os alunos a ser respondido um pouco depois do início do ano letivo do qual trazia algumas opções e espaços para sugestões de temáticas que gostariam que fosse trabalhada em sala para além dos conteúdos disciplinares e para maior conhecimento dos discentes, seus lugares sociais, assuntos de maior identificação, etc. A temática que recebeu o maior número de marcações foi justamente a de violência. Uma vez surgida a oportunidade da oficina, programei a mesma para ter o tema principal sobre a violência, abrangendo seus vários tipos.

A ideia de trabalhar uma temática da qual os alunos em sua maioria tinham despertado interesse foi pensada enquanto estratégia para refletir o já sabido por eles e depois para uma problematização. Afinal, para bons resultados é de suma importância a participação dos estudantes. A realização ocorreu na própria sala de aula, e foi dividida em três momentos : Exposição de vídeos, depoimentos, relatos e reportagens, em seguida problematização, roda de conversa e debate sobre o que foi exposto e sobre experiências vivenciadas ou ouvidas e depois a realização prática por parte deles.

DESENVOLVIMENTO :

O desenvolvimento da oficina e a sua realização buscou propiciar uma aprendizagem que estimulasse o diálogo na sala entre os colegas e também de modo estratégico para buscar afastar-se da ideia de aula expositiva .

“ O professor deverá ser um verdadeiro estrategista, o que justifica a adoção do termo estratégia, no sentido de estudar, selecionar, organizar e propor as melhores ferramentas facilitadoras para que os estudantes se apropriem do conhecimento” (ANASTASIOU; ALVES, 2004, p. 69).

Além disso, é importante estimular o conforto dos alunos, no sentido que se perca a timidez de falar e expressar-se . A disciplina de história trás a possibilidade de trabalho com diversos temas, afinal tudo tem sua história. Ademais, trás também a dinâmica para sala de modo que os alunos se sentem protagonistas em suas falas e opiniões. Afinal, as oficinas também são capazes de proporcionar aprendizagens mais completas, pois valoriza a construção do conhecimento de forma participativa e questionadora, baseada em situações do cotidiano do aluno. (NASCIMENTO et al., 2007).

A utilização dos vídeos e sua exposição em sala apresentaram diversos contextos referentes à violência, nosso propósito foi justamente instigar os alunos a se posicionarem diante das situações assistidas. Foram levados quatro vídeos. O primeiro retratava uma situação de violência doméstica, o interessante é que essa violência não era com a mãe da família e sim com a filha, o pai humilhava a menina , a impedia de sair, julgava as roupas que vestia e batia muito nela sem motivos. O segundo vídeo era um documentário contendo uma série de relatos de experiência sobre casos de violência: sexual a menino e menina. Situações homofóbicas , como acontecia a e as consequências que trouxeram para vida das vítimas. O terceiro mostrava casos de violência nas escolas aos professores por meio de uma reportagem, retratando os perigos e desafios que representa ser um professor , se refletindo na dificuldade de impor ordem e educação a um aluno na atualidade. E por último, um vídeo retratando a reação de pessoas que tiveram acesso a áudios que a policia recebe diariamente com pedidos de ajuda por parte das vítimas de violência .

O primeiro momento de reação após a exibição foi de silêncio e reflexão. O intuito principal de gerar uma reflexão pareceu ter sido alcançado nesse momento. Adiante, foi aberta uma roda de conversas. Foi possível perceber um sentimento de revolta da turma com relação a tudo que tinham visto, e por outro lado começaram a falar se colocando no lugar das vítimas e alegando compreender suas atitudes. Em comum acordo todos concordaram que a maioria dos casos de violência acontecem dentro de casa, por membros familiares e são silenciados por medo principalmente.

Em um segundo momento, uma vez que a roda de debate estava fluindo, passei a questioná-los a respeito de suas experiências com violência, se alguém já havia sofrido ou presenciado. Diante disso, iniciou-se uma série de relatos sobre pessoas e casos dos quais ouviram falar ou de conhecidos. Não foram explícitos casos pessoais e nem próximos.

É interessante interligar toda essa experiência com a história em si, para que fosse mostrado que aquela oficina não estava fora do contexto da história. A principal disciplina que trás por meio da historiografia e oralidade a exposição das maiores atrocidades já feitas na humanidade e pela humanidade nos sentidos de violência, desrespeito, ultrapasse de limites e silenciamentos, palavras não ditas e nem registradas.

Deste modo, todas as discussões giraram em torno da história oral tanto nos vídeos que traziam depoimentos, relatos e reportagens, como também nas problematizações e debates na sala, pois surgiram uma série de depoimentos e relatos compartilhados e recontados por meio da oralidade.

O ato pedagógico, segundo LIBÂNEO (2005) constitui-se, assim, de uma relação entre o aluno e as matérias de estudo, mediadas pelo professor, a quem cabe garantir os efeitos formativos desse encontro” (p.122). Estudar história não é somente seguir o cronograma de conteúdos mas é estudar a história que acontece no presente, a história que ouve-se todos os dias na televisão e vê-se na internet, aquela que os alunos ouvem falar, a história de uma violência que deixou muitas marcas em vários indivíduos no decorrer dos séculos, inclusive dos que lutaram para que ela não se repetisse e mesmo assim continua a ocorrer. O ato pedagógico além de compartilhar saberes e experiências, possibilita sobretudo uma reflexão sobre as possibilidades, medidas e soluções diante de vários problemas sociais enfrentados no pelos alunos em seu cotidiano e vivência ou são conhecidas pelas experiências de próximos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO :

Em consonância, a última parte da oficina se relacionou com a parte prática do alunado que também diz respeito aos resultados e alcance. Haja vista que, deve-se ressaltar que as oficinas pedagógicas possuem como foco uma ação consciente, ou seja, sua principal ferramenta é a atividade prática (PAVIANI; FONTANA; 2009).

Sendo assim, as propostas práticas se davam no sentido de dividir a turma em dois grupos para realização de duas atividades distintas , a primeira seria a confecção de cartazes se posicionando e trazendo frases contra a violência para que a partir desse material fosse feito um estilo de protesto com os cartazes . A segunda proposta partiria do princípio de uma encenação de algum tipo de violência, a temática a ser representada, teve por sua vez, escolha livre dos discentes. As propostas foram bem aceitas e geraram animação e empenho para as realizações. A divisão dos grupos foi feita pela residente, propiciando assim uma mudança nos “ grupinhos ” e estabelecendo novos contatos antes não tidos .

Os resultados feitos pelos alunos tiveram bom desempenho, levando em consideração também o pouco tempo que tiveram para pensar, se organizar e fazer as apresentações. O primeiro grupo apresentaram vários diferentes cartazes com frases contra a violência e para a apresentação tiveram a ideia de sair da sala e depois voltar todos um por um mostrando seu cartaz e o lendo e depois disso todos juntos formaram um grito do protesto : “ violência não, violência não”. Em seguida, o segundo grupo apresentou a sua encenação, a temática escolhida foi violência homofóbica, duas alunas encenavam estarem passeando juntas de mãos dadas como namoradas e um pouco atrás haviam duas outras mulheres conversando de forma indiscreta , rindo com preconceito e soltando indiretas e um pouco depois chega um grupo de meninos que seriam os agressores do suposto casal de namoradas.

As dinâmicas escolhidas pelos alunos foram muito interessantes e representaram um grande envolvimento. Com o fim da oficina foi possível perceber a percepção da turma em como aquele tema era tão presente e nem sempre era refletido, por ser sempre um problema do “outro”, sendo percebido o desenvolvimento de uma maior sensibilidade e também maior aproximação da turma e união. Como também a expressividade de muitas pessoas no debate que até então não haviam participado das aulas cotidianas.

CONCLUSÃO :

Percebemos que, é importante no trabalho docente sempre mesclar entre as aulas expositivas e dialogadas, com os atos pedagógicos que fogem um pouco dessa dinâmica e propicia aos alunos se sentirem unidos diante de circunstâncias e casos que são tão comuns em se ouvir no nosso contexto atual , compartilhando trocas de aprendizagens e experiências de vida.

É de suma importância que as escolas trabalhem e discutam o assunto da violência como um todo, haja vista que o público da escola são justamente os principais alvos dos tipos de violência, podendo ser refletidas as consequências no comportamento: baixo desempenho escolar, depressão, timidez, isolamento e em casos mais sérios e cada vez menos raros, no suicídio. Para isso, necessita-se de um diálogo de união com toda a comunidade escolar , formando assim uma rede de apoio e para além de retratar casos, consequências, relatos e medidas, é preciso despertar a consciência que o silêncio não precisa ser uma opção .

Mediante o exposto, percebe-se a inserção do programa da residência pedagógica nas escolas como algo benéfico, haja vista que o programa dá subsídios e apoio a escola por meio dos residentes para incorporar essa rede de apoio, para oferecer sustentação ao trabalho dos demais professores, para pensar e auxiliar nas atividades pedagógicas, promover diálogos dos mais diversos temas interdisciplinares. O papel do residente enquanto docente se firma para além de dar aula e transmitir conhecimento e conteúdo , mas sobretudo de educar e apoiar para a história da vida cotidiana, da vida privada, dos contextos da atualidade, na preparação do alunado para saber lidar, ajudar e se preparar para a realidade do mundo e o despertar de empatia diante o outro.

Palavras – Chave : Residência Pedagógica, oficina , violência , escola , residente.

REFERÊNCIAS :

ANASTASIOU, L. G. C; ALVES, L. P. Estratégias de ensinagem. Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula, v. 3, p. 67-100, 2004.

LIBÂNEO, J.C. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 20. ed. SP: Loyola, 2005.

NASCIMENTO, M. S; et al. Oficinas pedagógicas: Construindo estratégias para a ação docente – relato de experiência. Rev Saúde Com, v. 3, n. 1, p. 85-95, 2007

PAVIANI, N. M. S; FONTANA, N. M. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. Conjectura: Filosofia e Educação, v. 14, n. 2, p. 77-88.